



INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
GOIÁS

Campus Jataí

## 7ª Semana de Licenciatura

Educação Científica e Tecnológica: Formação, Pesquisa e Carreira

De 08 a 11 de junho de 2010

# “ENSINAR INGLÊS É O MÁXIMO!”: REVELANDO AS CRENÇAS SOBRE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DE UM ALUNO INICIANTE DO CURSO DE LETRAS (INGLÊS)

Tatiana Diello Borges – [tatiana.diello@gmail.com](mailto:tatiana.diello@gmail.com)

Neuda Alves do Lago – [neudalago@hotmail.com](mailto:neudalago@hotmail.com)

Vitalino Garcia Oliveira – [vitalinogarcia@ig.com.br](mailto:vitalinogarcia@ig.com.br)

Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí

Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí

Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí

## Resumo

Apresentamos, neste trabalho, os resultados de uma pesquisa acerca das crenças de um aluno iniciante do curso de Letras da Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí, sobre o ensino/aprendizagem de língua inglesa. O trabalho faz parte do projeto de pesquisa intitulado “Desvendando as crenças sobre ensino/aprendizagem de língua inglesa de alunos, ingressantes e concluintes, de Letras (Inglês): um estudo comparativo” financiado pelo Programa de Apoio a Projetos Institucionais do CAJ (PROAPI/CAJ). A modalidade de estudo utilizada foi a pesquisa qualitativa, dentro da qual optamos pelo estudo de caso. Quanto aos instrumentos de coleta de dados, utilizamos questionário semi-aberto, narrativa e entrevista. Classificamos as crenças do aluno participante em cinco categorias: Crenças sobre ensino/aprendizagem de inglês; Crenças sobre o bom aprendiz de língua inglesa; Crenças sobre o bom professor de inglês; Crenças sobre o lugar ideal para se aprender inglês; e Crenças sobre o curso de Letras (Inglês). Os resultados mostram que, dentre outras, o aluno tem as seguintes crenças: o trabalho em grupo é fundamental; o bom aluno de inglês busca manter-se sempre atualizado; o bom professor de inglês compreende a diversidade de seus alunos; e é importante fazer um curso de inglês antes de ingressar na faculdade de Letras.

**Palavras-chave:** *ensino/aprendizagem de inglês; crenças; acadêmico de Letras (Inglês)*

**Área Temática:** **Formação e prática docente (FPD).**

## Introdução

O interesse pelo construto crenças não é recente, tampouco exclusivo da Linguística Aplicada (Barcelos, 2004; Silva, 2005). Isso pode ser comprovado a partir da definição de Dewey (1933, p. 6), *apud* Silva (2000), segundo o qual

[Crenças] cobrem todos os assuntos para os quais ainda não dispomos de conhecimento certo, dando-nos confiança suficiente para agirmos, bem como os assuntos que aceitamos como verdadeiros, como conhecimento, mas que podem ser questionados no futuro.

Para o filósofo norte-americano Peirce (1877/1958) *apud* Barcelos (2004, p.129), crenças seriam “idéias que se alojam na mente das pessoas como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar”. Dessa forma, além da filosofia, o referido construto também faz parte de outras áreas, a exemplo da Antropologia, Sociologia e Educação, dentre outras.

A definição do termo crença não é tarefa fácil, haja vista o caráter complexo desse construto, conforme atestam Pajares (1992), Johnson (1999) e Silva (2007). Segundo Pajares (1992, p. 309), isso se deve, em parte, à profusão de definições que o termo apresenta, tais como:

atitudes, valores, julgamentos, axiomas, opiniões, ideologias, percepções, concepções, sistemas conceituais, preconceitos, disposições, teorias implícitas, teorias explícitas, teorias pessoais, processos mentais, estratégias de ação [...].

O interesse pelo estudo das crenças em Linguística Aplicada surge na década de 70, época de grandes transformações na LA, na qual o enfoque humanista e o advento da abordagem comunicativa fazem com que a ênfase no ensino de LE passasse a ser o *processo* e não mais a *linguagem em si mesma*, conforme atesta Barcelos (2004). Sobre isso, essa mesma autora afirma:

Essa preocupação, que continua ainda hoje, em desvendar o mundo do aprendiz, isto é, seus anseios, preocupações, necessidades, expectativas, interesses, estilos de aprendizagem, estratégias e, obviamente, suas crenças ou seu conhecimento sobre o processo de aprender línguas, tornou-se mais patente com a abordagem comunicativa. (Barcelos, 2004, p. 127).

No exterior, os estudos sobre crenças relacionadas ao ensino/aprendizagem de línguas surgem com Horwitz (1985) e a criação do BALLI (Beliefs About Language Learning Inventory), primeiro instrumento criado para aferir de modo sistemático crenças de alunos e professores. Segundo Sadalla (1988) *apud* Silva (2007, p. 238), outro precursor do estudo de crenças relacionadas ao ensino foi Schulman (1986), o qual procurou descrever “a vida mental do professor, concebido como um agente que toma decisões, reflete, emite juízos, tem *crenças* e atitudes”.

No Brasil, as pesquisas iniciam-se na década de 90, com autores como Carmagnani (1993) e Viana (1993), conforme Barcelos (2007). O primeiro identificou a existência de mitos em contexto nacional, tais como: “é possível aprender uma LE em pouco tempo e viver no país da língua alvo é suficiente para aprender” (Barcelos, 2007, p. 31). Viana (1993), por sua vez, baseando-se no conceito de representações de Riley (1989) - entendido como “descrições e interpretações de aprendizagem numa dada sociedade” (Barcelos, 2007, p. 31) - trouxe importantes contribuições para o construto crenças. Ainda de acordo com Barcelos (2007), apesar de estes estudos não terem sido publicados, são

ainda citados por serem os primeiros a tentarem desvendar as crenças de alunos em relação ao aprendizado de línguas no país.

Neste trabalho, apresentamos dados coletados no projeto de pesquisa intitulado “Desvendando as crenças sobre ensino/aprendizagem de língua inglesa de alunos, ingressantes e concluintes, do curso de Letras (Inglês): um estudo comparativo”, financiado pelo PROAPI/CAJ (Programa de Apoio a Projetos Institucionais do CAJ). Esclarecemos que estamos apresentando os resultados de apenas um dos vários alunos de Letras (Inglês) participantes. O objetivo geral desta pesquisa foi analisar algumas crenças de um aluno ingressante no curso de Letras (Inglês), enquanto os específicos foram os seguintes: 1) fazer um levantamento de algumas das crenças do referido participante; 2) categorizar essas crenças em classes relativas ao processo em questão; e (3) verificar as semelhanças e diferenças entre a crença do participante e as tradicionalmente encontradas na literatura específica.

## Justificativa

Esse trabalho justifica-se por três razões. A primeira advém, sobretudo, de nossa própria curiosidade e necessidade de conhecer, enquanto professoras<sup>1</sup> de língua inglesa do curso de Letras (Inglês), as crenças que os alunos ingressantes e concluintes desse curso possuem sobre o processo de ensino/aprendizagem de inglês. Como Richards e Lockhart (1994) observam muito bem, assim como os professores, os alunos também trazem para a sala de aula suas próprias crenças, objetivos, atitudes e decisões, as quais influenciam o modo como eles lidam com o processo de ensino/aprendizagem. Os autores expandem a idéia de que os aprendizes também possuem suas formas de refletir sobre questões de ensino e de aprendizagem.

A segunda justificativa deve-se à relevância da investigação das crenças de futuros professores de línguas, no caso em questão, de inglês. Vários são os estudos que tiveram como participantes alunos de Letras e constataram a importância de se identificar e analisar suas crenças a respeito do processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa (Barcelos, 1995; André, 1999; Carvalho, 2000; Oliveira, 2001; Silva, 2001; Mateus *et al.*, 2002; Borges, 2007). De acordo com Pintrich (1990) *apud* Pajares (1992, p. 307-308), “[...] as crenças são os instrumentos psicológicos mais valiosos que se pode ter na construção da formação do professor”. Conforme argumentam Freeman e Johnson (1998), os docentes (assim como os em formação) possuem experiências anteriores, valores pessoais e crenças que formam seu conhecimento sobre ensino/aprendizagem e moldam o que eles fazem em sala de aula. Nesse sentido, de acordo com Breen (1985, p. 136) *apud* Barcelos (2004, p. 125), é

imprescindível compreender que “nenhuma instituição ou relacionamento humano pode ser adequadamente entendido, a menos que consideremos as suas expectativas, valores e crenças”.

Por fim, a terceira justificativa deste trabalho refere-se a sua contribuição para os alunos, professores em formação, do curso de Letras (Inglês) da Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí. Sabe-se como é importante para o docente, tanto o em serviço quanto o em pré-serviço, poder refletir sobre suas crenças a respeito do processo de ensino/aprendizagem, de inglês, no caso em questão, ao longo de sua carreira e formação (Almeida Filho, 1993; Richards e Lockhart, 1994; Barcelos, 1995; Freeman e Johnson, 1998, 2001; Johnson, 1999). Entretanto, vários Lingüistas Aplicados mostram que esta prática reflexiva não tem sido muito comum entre os professores em formação e em serviço no Brasil (Almeida Filho, 1993, 1999; Blatyta, 1999; Cavalcanti, 1999; Freitas, 1999; Dutra, 2001; Dutra e Mello, 2001; Oliveira, 2002). Assim, este trabalho pretende abrir um espaço para que os acadêmicos de Letras (Inglês) tenham a oportunidade de refletir a respeito da influência dessas crenças em seu processo de ensino/aprendizagem, pois, como Barcelos (2001) frisa muito bem, as crenças podem influenciar, dentre outras questões, as estratégias de aprendizagem de línguas, a motivação e as atitudes do aluno em relação à segunda língua e cultura (L2) e a formação de professores.

## Resultados

Por meio do levantamento das crenças do aluno ingressante acerca do ensino/aprendizagem de língua inglesa foi possível agrupá-las em cinco categorias:

(1) *Crenças sobre ensino/aprendizagem de inglês*: os resultados sugerem que o participante parece acreditar que no processo de se ensinar/aprender língua inglesa (a) a gramática é muito importante (“*Eu aprendi muito inglês pela gramática. Já pensou você não saber o que é um particípio passado, um gerúndio em inglês? É muito importante você saber a nomenclatura*” - José, entrevista), (b) é fundamental que o discente trabalhe em grupos (“*O aluno aprende um idioma em conjunto, acredito eu que ninguém aprende um idioma sozinho, a experiência vivenciada com o próximo ajuda muito na aprendizagem*” - José, narrativa), (c) o aluno deve “*ouvir músicas em inglês*” (José, narrativa) e “*ver filmes com legenda e áudio em inglês*” (José, questionário), (d) o discente é mais responsável por sua aprendizagem do que o docente (“*O aluno é quem tem que querer aprender, [tem que] se preocupar com sua aprendizagem*” - José, entrevista), (e) é necessário passar algum tempo no país onde se fala inglês (“*Um dos modos de se aprender inglês é a ida do indivíduo para o país falante de língua inglesa*” - José, narrativa), (f) é preciso “*dedicação*” (José,

questionário), uma vez que aprender inglês é “*difícil*” (José, questionário), (g) o discente não deve interromper seus estudos (“*O aluno não pode parar de estudar inglês*” - José, questionário - “*desistir por motivos bobos e depois morrer de remorso*” - José, entrevista), (h) as quatro habilidades - ler, escrever, falar e ouvir - devem ser ensinadas (“*No curso livre que estudei as quatro habilidades eram ensinadas e foi bem proveitoso*” - José, narrativa - “*Aprender só a escutar e falar não é suficiente. Eu acho que escrever e ler é muito importante também*” - José, entrevista), (i) a pronúncia é um aspecto extremamente relevante, (j) não se deve traduzir palavra por palavra para o português quando se quer aprender a ler em inglês, (l) utilizar o português em sala de aula não é uma boa estratégia para se aprender a língua inglesa.

(2) *Crenças sobre o bom aprendiz de língua inglesa*: foi possível inferir que para o acadêmico José o bom aprendiz de inglês deve procurar “*sempre se manter atualizado*” (José, narrativa) e é “*aquele que se dedica*” (José, questionário), pois “*aprender um idioma não é algo fácil e dedicação é essencial*” (José, narrativa).

(3) *Crenças sobre o bom professor de inglês*: os resultados indicam que o aluno iniciante parece crer que o bom professor de língua inglesa (a) é “*aquele que deixa a aula interessante*” (José, questionário), (b) “*fala em inglês em sala de aula*” (José, entrevista), (c) “*se preocupa*” (José, entrevista), (d) “*não deve achar que [em] uma sala de 20 alunos todos falam inglês fluentemente, deve ensinar [portanto] coisas básicas da língua*” (José, narrativa), (e) transmite o conhecimento que possui aos aprendizes, (f) ensina a língua e a cultura, (g) compartilha conhecimentos e (h) utiliza jogos, brincadeiras e músicas nas aulas.

(4) *Crenças sobre o lugar ideal para se aprender inglês*: pudemos perceber que para José o melhor lugar para se aprender inglês é o país da língua-alvo. Em suas palavras:

*O lugar mais apropriado é você se jogar no país que você quer aprender a língua* (José, entrevista).

*[Em um país de língua inglesa] você tem que se virar, você tem comer, tem que beber água. Eu acho que quando a gente é pressionado, a gente tá estudando a língua todo dia, a gente aprende* (José, entrevista).

*Se você me colocar lá nos Estados Unidos eu acho que em pouco tempo eu aprendo, na marra* (José, entrevista).

(5) *Crenças sobre o curso de Letras (Inglês)*: para o aluno participante, os acadêmicos de Letras, a princípio, acham que é um curso “*fácil demais*” (José, entrevista), “*que vão entrar e arrasar*” (José, entrevista), mas logo percebem que trata-se de um “*curso difícil demais*” (José, entrevista). José também comenta que os acadêmicos de outros cursos pensam que

os alunos que estudam Letras o fazem “*porque não conseguiram passar em outro curso*” (José, entrevista), o que ele discorda, citando seu próprio exemplo: “*Eu tô aqui [referindo-se ao curso de Letras] porque eu quero tá aqui. Eu quis fazer Letras*” (José, entrevista). José também acredita que os alunos, antes de ingressarem no curso de Letras (Inglês), deveriam “*fazer um curso de inglês, [pois] na faculdade a gente aperfeiçoa, não aprende inglês [desde o básico]*” (José, narrativa).

## Conclusões

Como se pôde depreender da análise dos dados, o aluno participante apresenta crenças diversificadas com relação ao processo de ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira.

Algumas crenças apresentadas por José ecoam as crenças de outros aprendizes e professores, nos resultados de outros trabalhos acerca desse fator afetivo que influencia a aprendizagem de língua estrangeira. Arroladas entre essas crenças suas, tradicionalmente encontradas no Brasil, podemos citar as crenças com relação ao papel crucial da gramática, ao professor como transmissor de conhecimento, aos países anglo-falantes como o local ideal para a aprendizagem.

José apresenta, por outro lado, algumas crenças que refletem novas descobertas no campo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, tais como as crenças na aprendizagem colaborativa, no papel central do aluno e na relevância da sua dedicação pessoal, na diversidade de metodologias e estratégias a serem adotadas, na propriedade do ensino das quatro habilidades básicas, e na consideração das individualidades dos aprendizes por parte do professor.

Essas últimas crenças, em harmonia com as pesquisas mais recentes, mostram um mudar do crer do perfil do aluno de línguas estrangeiras. Não podemos atribuir essa mudança à influência direta de José pela universidade, já que o participante apenas iniciou o contato com o curso de licenciatura. Podemos, entretanto, conjecturar se o fato de José trazer consigo essas crenças para o curso de Letras não seria reflexo do ensino que recebeu na sua cidade, de professores que já passaram pela licenciatura. Dessa maneira, teríamos aqui uma influência indireta da instituição de ensino superior gerando resultados desejáveis.

Percebe-se, de qualquer forma, que as crenças do participante têm relação direta com a sua atitude quanto à sala de aula de inglês como língua estrangeira, e a importância dessas crenças na determinação dos seus esforços e comportamento como aprendiz jamais será exagerada.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 1993.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.) *O professor de língua estrangeira em formação*. Campinas: Pontes, 1999.

ANDRÉ, M. C. S. Preocupado com o Futuro do Ensino de LE? Uma Sugestão: Mergulhe no Oceano de Crenças Educacionais de Professores da Língua Alvo e as Otimize. In: *Anais do XIV Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa*. Belo Horizonte, p. 233-240, 1999.

BARCELOS, A. M. F. *A Cultura de Aprender Língua Estrangeira (Inglês) de Alunos de Letras*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL, UNICAMP, 1995.

BARCELOS, A. M. F. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estudo da arte. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 1, n. 1, p. 71-92, 2001.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Lingüística Aplicada e ensino de línguas. *Linguagem & Ensino*, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas: reflexões de uma década de ensino no Brasil. In: ALVAREZ, M. L. O; SILVA, K. A. (Orgs.) *Lingüística Aplicada: múltiplos olhares*. Campinas: Pontes, p. 27-69, 2007.

BLATYTA, D. F. Mudança de habitus e teorias implícitas - uma relação dialógica no processo de educação continuada de professores. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.) *O professor de língua estrangeira em formação*. Campinas: Pontes, p. 63-81, 1999.

BORGES. T. D. *Crenças de duas professoras de inglês em pré-serviço a respeito de falantes de língua inglesa e de suas respectivas culturas*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FALE, 2007.

CAVALCANTI, M. C. Reflexões sobre a prática como fonte de temas para projetos de pesquisa para a formação de professores de LE. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.) *O professor de língua estrangeira em formação*. Campinas: Pontes, p. 179-184, 1999.

CARVALHO, V. C. P. S. *A Aprendizagem de Língua Estrangeira sob a Ótica de alunos de Letras: Crenças e Mitos*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FALE, UFMG, 2000.

DUTRA, D. P. Professores em formação e a prática reflexiva. In: *Anais do III Congresso da Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais & 3º Encontro de*

*Professores de Línguas Estrangeiras do CEFET - MG*. Belo Horizonte: APLIEMGE, p. 35-42, 2001.

DUTRA, D. P.; MELLO, H. R. Refletindo sobre o processo de formação de professores de inglês: uma interpretação de abordagens, métodos e técnicas. In: MENDES, E. A. M.; OLIVEIRA, P. M.; BENN-IBLER, V. (Orgs.) *O Novo Milênio: interfaces Lingüísticas e Literárias*. Belo Horizonte: FALE, p. 47-56, 2001.

FREEMAN, D. JOHNSON, K. Teacher learning in second language teacher education: A socially-situated perspective. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 1, n. 1, p. 53-69, 2001.

FREEMAN, D. JOHNSON, K. Teacher learning in second language teacher education: A socially-situated perspective. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 1, n. 1, p. 53-69, 2001.

FREITAS, M. A. Avaliação enquanto análise: resultados das principais reflexões do professor de LE sobre o próprio ensino. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.) *O professor de língua estrangeira em formação*. Campinas: Pontes, p. 51- 62, 1999.

HORWITZ, E. K. Using student beliefs about language learning and teaching in the foreign language methods course. *Foreign Language Annals*, v. 18, n. 4, p. 333-340, 1985.

JOHNSON, K. E. *Understanding language teaching*. The Pennsylvania State University. Heinle & Heinle Publishers, 1999.

MATEUS, E. F.; GIMENEZ, T. N.; ORTENZI, D. I. B. G.; REIS, S. A prática do Ensino de Inglês: Desenvolvimento de Competências ou Legitimação das Crenças? Um estudo de caso. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 2, n. 1, p. 43-59, 2002.

OLIVEIRA, E. Reflexões sobre o ensino de inglês como língua estrangeira - professores de inglês em curso. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, v. 39, p. 69-79, 2002.

OLIVEIRA, E. C. Crenças de professores em formação. In: *Anais do III Congresso da Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais & 3o Encontro de Professores de Línguas Estrangeiras do CEFET - MG*. Belo Horizonte, p. 43-55, 2001.

PAJARES, M. F. Teachers' beliefs and educational research: cleaning up a messy construct. *Review of Educational Research*, v. 62, n. 3, p. 307-332, 1992.

RICHARDS, J. C.; LOCKHART, C. *Reflective Teaching in Second Language Classrooms*. Cambridge: Cambridge Language Education, 1994.



SILVA, I. M. *Percepções do que seja ser um bom professor de inglês para formandos de Letras: um estudo de caso*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FALE, UFMG, 2000.

SILVA, K. A. *Crenças e aglomerados de crenças de alunos ingressantes em Letras (Inglês)*. Dissertação de mestrado. Campinas: IEL, UNICAMP, 2005.

SILVA, K. A. Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas na Lingüística Aplicada: um panorama histórico dos estudos realizados no contexto brasileiro. *Linguagem & Ensino*, v.10, n.1, p. 235-271, 2007.

SILVA, L. O. *Crenças sobre aprendizagem de língua estrangeira de alunos formandos de Letras: um estudo comparativo*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: FALE, UFMG, 2001.

---

<sup>i</sup> O terceiro autor do trabalho é professor no Centro de Línguas, coordenado pelo curso de Letras da Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí.